

SINAIS DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA INTERNA E EXTERNA TRAZEM OTIMISMO MODERADO DE VOLTA AO SETOR FLORESTAL

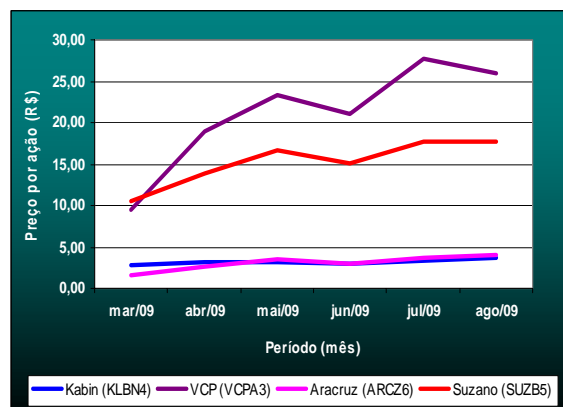
De acordo com números de análises recentes da economia brasileira, a recuperação econômica já aparece em vários setores como resposta às políticas governamentais de incentivo fiscais, de aumento e ou manutenção do emprego e da renda dos consumidores e em relação às medidas administrativas de redimensionamento, investimento e modernização das empresas. No setor florestal, a conjuntura atual mostra que os indicadores são em geral positivos, sendo mais ou menos tímidos em alguns segmentos do que em outros, porém revelam recuperação e ou dinamização de investimentos e perspectivas.

Setor de Celulose e Papel

A crise financeira mundial parece não assustar mais o segmento de celulose e papel. Novos investimentos estão em andamento como a instalação da Suzano Papel e Celulose no Piauí, com previsão de gerar 15 mil empregos diretos e indiretos. Serão investidos US\$ 150 milhões na base industrial e cerca de R\$ 4 bilhões em toda sua etapa produtiva. Outro acontecimento que merece destaque é a incorporação da Aracruz pela Votorantim Celulose e Papel (VCP), fazendo surgir uma nova empresa,

a Fibria, com uma receita líquida inicial estimada em R\$ 6 bilhões, capacidade de produção de 5,8 milhões de toneladas e 15 mil funcionários. O projeto número 1 da lista de investimentos da Fibria é a duplicação da unidade da Aracruz em Guaíba. Outro projeto reafirmado pela Fibria é o Losango, da VCP, apesar de ainda está sem data para entrar em operação. Por outro lado, a Cenibra estuda ampliar em 25% seu projeto de investimento em Belo Oriente (MG). Inicialmente, a intenção da empresa era instalar uma nova linha de produção de celulose com 800 mil toneladas, mas poderá elevar essa capacidade para 1 milhão de toneladas por ano, dependendo de questões técnicas e dos custos de equipamentos, bem como da garantia de abastecimento da fábrica. O plano de investimento na nova linha de produção está mantido entre US\$ 1,6 bilhão e US\$ 1,7 bilhão e acontecerá no fim de 2013 ou início de 2014. No mercado financeiro, o preço das ações das quatro principais empresas do setor – Aracruz, Klabin, Suzano Papel e Celulose e Votorantim Celulose e Papel (VCP) – apresentaram aumento médio de 24,11%, 5,72%, 12,09% e 27,83%, respectivamente, no período de março a agosto de 2009

(Figura 1), devido aos reajustes dos preços da matéria prima na Europa, América do Norte e China.



Fonte: Bovespa (2009).

Figura 1 – Preço por ação das empresas Klabin, VCP, Aracruz e Suzano, em R\$, março a agosto de 2009.

Esses acontecimentos podem ser explicados pelo fato de a demanda por celulose de fibra curta na China e na Europa se manter forte, a recuperação das vendas na América do Norte e pelo aumento dos preços da celulose de fibra curta e de fibra longa no mercado internacional.

Produtos Florestais Não Madeireiros

Com os produtos florestais não madeireiros verificou-se que de março a julho de 2009 o preço da borracha natural foi o que mais aumentou quando comparado com o preço do palmito e do cupuaçu (Quadro 1). Apesar desse aumento, os preços do elastômero ainda

estão abaixo do Preço Mínimo, de R\$ 1,53/kg, fixado pelo Governo Federal sob a Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM).

Quadro 1 – Preço de Produtos Florestais Não Madeireiros, março a julho de 2009.

Período (mês)	Borracha Natural - SP	
	Preço (R\$/Kg)	variação (%)
mar/09	1,11	-
abr/09	1,12	0,90
mai/09	1,19	6,25
jun/09	1,29	8,40
jul/09	1,33	3,10
Média	1,23	4,66
Período (mês)	Palmito (em conserva) - SP	
	Preço (R\$/lata de 300 gr)	variação (%)
mar/09	9,49	-
abr/09	9,95	4,85
mai/09	10,71	7,64
jun/09	11,38	6,26
jul/09	7,77	-31,72
Média	9,95	-3,25
Período (mês)	Palmito (in natura) - ES	
	Preço (R\$/Kg)	variação (%)
mar/09	0,78	-
abr/09	0,97	24,36
mai/09	0,61	-37,11
jun/09	0,64	4,92
jul/09	0,7	9,38
Média	0,73	0,38
Período (mês)	Cupuaçu - PA	
	Preço (R\$/saca de 20kg)	variação (%)
mar/09	25	-
abr/09	20	-20
mai/09	n.d.	-
jun/09	n.d.	-
jul/09	32,5	-
Média	26,25	-20,00

Fonte: APABOR (2009); IEA/SP (2009); CEASA/ES (2009); CEASA/PA (2009).



De acordo com Heiko Rossmann, diretor da Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (Apabor) e considerando-se a média da participação do heveicultor no preço médio recebido pelas usinas de beneficiamento paulistas nos últimos 60 meses, que foi de 68,8%, o preço do GEB-1 deve aumentar para R\$ 4,20/kg para que o produtor passe a receber o valor equivalente ao Preço Mínimo. O preço médio mais remunerativo registrado em julho pode ser atribuído ao início do período de entressafra na principal região produtora do país, o noroeste do Estado de São Paulo. A escassez de oferta da matéria prima nesta época impulsionou os preços levemente para cima. A crise financeira mundial provocou a queda dos preços da borracha natural, assim como ocorreu com outras *commodities*. Desde janeiro, o preço recebido pelos heveicultores está abaixo do Preço Mínimo. Rossmann acredita que o desestímulo ao plantio de novas áreas provocado pela crise, que para ele é o principal prejuízo ao setor, poderia ter sido minimizado com a PGPM. Em meados de agosto, a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Borracha Natural (CSBN), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), solicitou à Secretaria de Política Agrícola (SPA/MAPA) a realização dos leilões da PGPM para a

borracha, ainda em 2009. Os instrumentos propostos foram o Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (PEPRO) e o Prêmio para o escoamento de Produto (PEP). A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com o objetivo de melhor subsidiar a proposição do Preço Mínimo da borracha natural, inicia, ainda em setembro, um estudo de custo de produção nos principais estados produtores (SP, MT, BA e ES). Uma pesquisa realizada na região norte constatou que o desenvolvimento do mercado de produtos florestais não-madeireiros é prejudicado pela dificuldade de aprovação e liberação dos planos de manejo e pelos problemas na fiscalização da madeira em trânsito. Além disso, as empresas operam com baixa agregação de valor ao produto, utilizam mão de obra com baixa qualificação e fazem pouco investimento em treinamento e desenvolvimento de pesquisa, tecnologia e inovação. Em outras palavras, as comunidades que exploram os produtos não-madeireiros estão fora do mercado, pois a escala de produção é pequena, os produtos têm baixa qualidade e a tecnologia de beneficiamento da matéria prima e fabricação dos produtos é improvisada. O nível de instrução das pessoas é baixo, o grau de organização é insuficiente e não apresenta representação nas esferas governamentais e do mercado.



Ressalta-se ainda, a existência de fragilidade referente à legalização das terras de florestas públicas, ao modelo de exploração florestal vigente e ao baixo preço dos produtos comercializados. Para assegurar sustentabilidade na exploração florestal, ampliar a inclusão das comunidades locais, gerar ocupação para grande contingente de pessoas, melhorar a distribuição da renda e agregar valor aos produtos, os pesquisadores propõem um modelo alternativo de exploração racional da floresta, combinando o manejo de baixo impacto utilizado pelas empresas capitalistas e os produtos residuais e não-madeireiros de uso das empresas sociais.

Setor de Madeira Processada

As fusões também acontecem no setor de madeira processada. A compra da Tafisa Brasil, ligada ao grupo português Sonae, pela chilena Arauco, anunciada na semana passada, promete agitar o mercado de painéis de madeira nos próximos meses. Esse é o segundo grande negócio do setor neste ano. Em junho, a Duratex, do grupo Itaúsa e a Satipel anunciaram a unificação das operações, criando a maior indústria do setor no Hemisfério Sul e a quinta maior do mundo. No entanto, o mercado de painéis de madeira, usado na indústria de móveis, não vive seus melhores dias. Apesar do forte ritmo de investimentos entre 2007 e 2010, nos quais estão

previstos aportes de US\$ 1 bilhão, o que deve elevar a capacidade de produção de 6 para 10,2 milhões de metros cúbicos por ano (ABIPA), as vendas de 2009 devem ficar entre 4,5 e 5 milhões de metros cúbicos. “A demanda só deve absorver toda essa capacidade dentro de cinco anos”, afirma Gilson Berneck, presidente da Berneck (fábrica situada na região metropolitana de Curitiba). A venda de painéis nos três primeiros meses de 2009 foi 20% menor do que no último trimestre do ano passado. O mesmo aconteceu com as exportações, que tiveram queda de 30% na mesma base de comparação, de acordo com Rosane Donati, superintendente executiva da ABIPA. A crise econômica pegou o setor no contrapé ao diminuir as vendas da indústria de móveis, seu principal cliente. Afetada pela queda nas exportações e nas vendas do mercado interno, a indústria moveleira reduziu o ritmo de encomendas e forçou a queda no preço do produto em cerca de 25%, em média. O freio no mercado fez a Berneck segurar a construção de uma nova fábrica em Santa Catarina, orçada em R\$ 300 milhões. Embora as vendas tenham começado a reagir em junho, o presidente da empresa acredita que o setor ainda deve fechar o ano com uma queda de 15% nos negócios. Jorge Hillmann, diretor geral da



Masisa Brasil, acredita que a queda deve ficar entre 5% e 10%¹.

Setor moveleiro

O setor moveleiro, apesar das fortes dificuldades enfrentadas como decorrência da crise econômica, continua acreditando numa recuperação mais acentuada nesse segundo semestre de 2009. Para isso, o setor tem procurado se estruturar e se organizar melhor, trazendo mais modernidade administrativa e mercadológica para os empresários, a fim de atrair mais os consumidores. O setor continua investindo fortemente em feiras, exposições e festivais de móveis em todo país, visando o aumento das vendas. Essas medidas têm trazido resultados positivos segundo os diretores dos sindicatos das indústrias de móveis e coordenadores dos eventos. Em geral, o crescimento nas vendas tem sido em torno de 20%².

Carvão vegetal

O mercado do carvão vegetal esboça reação pós crise e retorna ao preço médio de 100 reais por mdc, o mesmo praticado no mercado antes da crise, entre maio de 2004 e maio de 2008. A recuperação do

preço se dá a partir da recuperação ou aquecimento do setor siderúrgico ou de ferro gusa em Minas Gerais. O preço que em 2008 chegou a R\$ 200 por metro cúbico e que permaneceu entre R\$ 70 a R\$ 80 e praticamente estabilizado durante todo o primeiro semestre de 2009, parece dar sinais de alívio para o setor. A permanecer esta tendência, o aumento da demanda do carvão vegetal, ao que parece ainda incipiente, trará de volta maior dinamismo ao setor. Os investimentos feitos em reflorestamento durante a euforia dos preços praticados em 2008 e interrompidos com a crise, podem agora apresentar resultados e trazer novo ânimo para que os empresários voltem a investir com perspectivas mais otimistas de retorno. Ainda como consequência desse aquecimento, milhares de trabalhadores, expulsos do setor nesse período, aguardam pela volta ao emprego. Segundo a Associação Mineira de Silvicultura - AMS, os aportes de investimentos planejados eram da ordem de R\$ 15 bilhões em 10 anos a partir de 2008, quando foi injetado R\$ 1,2 bilhão. Este ano a previsão era aplicar R\$ 1,5 bilhão; porém, com a retração econômica os investimentos deverão ser reduzidos à metade.

Naisy Silva Soares - Economista, MS. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende - Eng. Agrônomo, MS. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva - Eng. Florestal, DS. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura - Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

¹ Adaptada de Portal Madeira Total (<http://www.madeiratotal.com.br>) e Gazeta do Povo.

² <http://www.global21.com.br/materias/materia.asp?cod=25933&tipo=noticia>
<http://www.cgimoveis.com.br/mercado/setor-moveleiro-busca-recuperacao>